

Enquanto o Rio fracassa, cidade irmã mostra que limpeza de esgoto é possível

Com milhares de litros de esgoto sem tratamento sendo lançados a cada segundo no oceano, os Jogos Olímpicos jogaram luz na espetacular falha do Rio de Janeiro em limpar suas vias aquáticas e praias mundialmente famosas. Mas logo do outro lado da baía, sua cidade irmã, Niterói, mostra que uma verdadeira limpeza é possível.

Em Niterói, 95% do esgoto é tratado e as autoridades afirmam que estão no caminho para chegar aos 100% dentro de um ano, apesar do fracasso do Rio contribuir para que muito lodo ainda flua em direção ao outro lado da baía. O Rio não apenas quebrou as promessas de resolver seu problema de esgoto para os próximos Jogos Olímpicos - o Estado também tem reduzido as expectativas e até sugerido que o trabalho de tratamento e limpeza não estará concluído até 2035.

O sucesso de Niterói sublinha fatores chave que marcam um forte contraste com a situação do Rio: privatização do gerenciamento de esgoto, grandes investimentos em infraestrutura e um alto nível de responsabilidade financeira e colaboração entre o governo municipal e a empresa responsável para definir metas e alcançá-las.

No documento Rio Olímpico, feito há sete anos, autoridades se comprometeram a realizar uma extensa limpeza (saneamento) - que incluía coleta e tratamento de 80% do esgoto da cidade. Seria um dos legados permanentes dos jogos, mas isso simplesmente nunca aconteceu. Um estudo em andamento, encomendado pela Associated Press, mostrou que remadores, velejadores e nadadores de longa distância ficarão expostos a águas que são tão imundas quanto esgoto não tratado.

Por que Niterói é tão bem sucedida e o Rio falhou? Para começar, não ajuda em nada o fato de Jorge Briard, presidente da companhia estatal Cedae, dizer que não tem certeza de onde essa meta (tratamento de 80% do esgoto) veio. A companhia é responsável por alcançar as metas olímpicas nesse quesito.

""Por que você não alcançou os 80% declarados?" Essa é uma pergunta recorrente", disse Briard em uma entrevista para a Associated Press. "E eu sempre irei responder: 'Não sei de onde esses 80% vieram. Certamente não foi da Cedae'".

A situação em Niterói em 1997 - quando uma empresa privada de saneamento venceu a licitação para gerenciar o sistema de esgoto da cidade - era ainda pior que a do Rio hoje. Cerca de um terço da população não tinha água corrente e mais de dois terços do esgoto não eram tratados.

Ao longo de 15 anos, a cidade recebeu novas estações de tratamento e conectou centenas de milhares de casas - impedindo, desta maneira, que dejetos não tratados chegassem aos córregos e rios que desaguam na baía.

"A prefeitura chegou ao ponto de não ter outra alternativa a não ser a não ser buscar no setor privado alguém que pudesse resolver aquele problema", disse o diretor de Planejamento do Grupo Águas do Brasil, Carlos Henrique da Cruz Lima.

Foi um movimento ousado. Situações idênticas existiam e ainda existem em todo o Brasil e as empresas públicas ainda são maioria quando comparadas às privadas por uma razão de nove por um.

A companhia investiu R\$ 500 milhões - US\$ 141 milhões - para ampliar a então única unidade de tratamento e construir outras oito estações, bem como assentar a tubulação que transporta o esgoto.

Niterói planeja alcançar cobertura universal em um ano, aumentando de 30 mil para 35 mil o número de residências conectadas ao sistema, disse Lima.

Em comparação, o Rio trata apenas metade de seu esgoto - apesar dos multibilionários esforços de limpeza e saneamento e promessas não cumpridas que já se estendem por mais de duas décadas.

Briard, presidente da companhia, rejeitou os argumentos que mostram que sua companhia falhou. Ele disse que o investimento em infraestrutura ampliou o tratamento de esgoto da cidade de medíocres 11% em 2007 para 51% nos dias atuais.

"É um grande avanço", ele disse.

Briard afirmou que o objetivo da Cedae é atingir 90% de tratamento, mas não quis estabelecer um prazo. Ele também minimizou as conquistas em Niterói, dizendo que o Grupo Águas do Brasil se aproveitou dos trabalhos já feitos pela Cedae, como o desenvolvimento de uma rede subterrânea de canos.

Especialistas em saneamento dizem que Niterói tem a vantagem de ser relativamente pequena - a população tem cerca de 500 mil pessoas, enquanto o Rio tem seis milhões de habitantes.

Essa dinâmica torna o planejamento e a execução mais fáceis, reduzindo a corrupção na formalização de contratos e gerenciamento - algo que é um antigo flagelo nas nações mais populosas da América Latina.

Em abril, policiais fizeram uma operação em várias estações de tratamento da Cedae, coletando amostras para determinar se as unidades estão apenas recolhendo e despejando os dejetos. Dependendo dos resultados, a Cedae e seus principais executivos poderão responder por crimes ambientais e apropriação indébita.

Apesar de todos os ganhos percebidos em Niterói, uma grande quantidade de lodo ainda chega do Rio. As duas cidades são separadas por cerca de cinco milhas - oito quilômetros - de baía.

"As águas têm estado mais limpas", disse Renan Taboada, um estudante de Niterói de 19 anos que costuma jogar futebol na Praia de Icaraí. "Mas definitivamente não tão limpas quanto gostaríamos".